

MARIA JOÃO
FIALHO GOUVEIA

SAB OS CÉUS DO ESTÓRIL

Um romance entre espões na Segunda Guerra Mundial

Com a guerra a varrer o mundo,
e segredos a separá-los,
consequirá o amor vencer?



TOP
SEL
LER

Dedicatória

Dedico este livro ao meu irmão Paulo Fialho Gouveia, com quem partilhei a maior parte da minha vida. E continuo a partilhar, embora à distância, por ele viver em Estocolmo.

O Paulo nasceu um ano e quatro dias antes de mim. Crescemos, assim, lado a lado, quase gémeos, chorando as mesmas lágrimas dos momentos amargos, e celebrando com risos e música as nossas horas felizes. A música, aliás, é uma das paixões que nos une, tal como a que sentimos e cultivamos pelos animais.

A nossa adolescência foi marcada pelo despertar da democracia, que vivemos com grande entusiasmo, cientes da importância da sua conquista. Na verdade, as noções de cidadania e consciência política cedo nos haviam sido transmitidas pelo nosso pai, homem liberal e de princípios, no âmbito de cuja carreira jornalística por diversas vezes enfrentara a PIDE. Tal como ele, aprendemos a não fechar os olhos a uma injustiça e a levantar com orgulho a nossa voz por uma ideologia ou uma causa. É o que hoje ambos fazemos pelos direitos dos animais, nobre herança da nossa mãe.

A comunicação social que nos corria nas veias conduziu-nos a caminhos paralelos; ele seguiu a profissão de operador de som da RTP, eu, a de jornalista. O Paulo ainda abraçaria a fotografia, outra das suas actividades diletas — de que sobram inúmeros testemunhos —, e eu, o ensino.

A partida do Paulo para Londres em meados dos anos 80 — de onde mais tarde seguiria para a Suécia —, foi, na altura, um duro golpe

na minha existência, habituada como estava a tê-lo sempre a meu lado. Ele era a minha pedra de toque. A sua ausência anunciada trouxe consigo outro drama: o da divisão dos muitos discos, então vinis, que partilhávamos. Recordo, por exemplo, a luta — fraterna e amigável — que travámos pelos títulos de Bowie que integravam a nossa extensa discografia. Após uma amigável «discussão» e cedências de parte a parte, decidiu-se que, entre outros, ele ficava com o *Heroes* e eu com o *Ziggy Stardust*.

Desde então, passámos a ver-nos de ano a ano, quando ele vinha cá, ou eu o visitava. Evoco com carinho uma das suas vindas, que coincidiu com as manifestações de Portugal pelo povo de Timor, e em que os Fialhos resolveram ir todos almoçar fora vestidos de branco, de acordo com o repto do dia. Também aqui lembro com emoção a vez em que o levei a rever a placa da rua com o nome da nossa avó paterna, Cesaltina Fialho Gouveia, cujos azulejos o Paulo não fotografou enquanto não os limpou muito bem com álcool e algodão.

Curiosamente, efeitos certamente das lições de dever cívico que bebemos ao nosso pai, cada um de nós veio a empenhar-se em actividades partidárias, nos respectivos países das nossas residências: o Paulo abraçou um partido ambientalista, eu, o Partido Socialista, muito embora, também eu, sempre de olhos postos na ecologia e na causa animal.

Quando um dia o Paulo regressar a Portugal, como espero que volte, quem sabe não nos espera um projecto a dois, na arte ou na intervenção social, ou até um livro a meias?

Seja por onde for que a vida nos levar, o Paulo será sempre o meu mano mais velho — *min äldre bror* —, que às vezes parece mais novo, e que me conhece de cor, como eu a ele o conheço.

Este livro, sobre uma época e um tema que te são tão caros — a II Guerra Mundial e a espionagem —, querido irmão, é para ti!

Tack för allt — obrigada por tudo!

CAPÍTULO I

O abraço do Estoril

O quarto estava abafado. Irrespirável. Nem a brisa ligeira, que soprava pela janela aberta, parecia suavizar a canícula daquela manhã de Julho. Emily acordara cedo de uma noite destapada e mal dormida, mal o sol lhe espreitara pelas vidraças. Correrá à varanda, indisposta, de cigarro já aceso nos finos dedos, sentando-se pesadamente na cadeira de verga virada ao mar, e ali se deixou ficar, sem acção, até o fumo se desvanecer.

A aragem tépida que corria despenteava ao de leve as copas das árvores do parque do casino que se estendia à sua frente, e do qual lhe chegava o cheiro da terra acabada de regar. Como era belo o Estoril àquela hora calada e serena em que o mar ainda dormia! O céu, de um azul forte e limpo, imaculado, sem nuvens, estendia-se por sobre os muitos telhados das casas e dos chalés, que sucediam em declive pelas colinas até à margem, e as flores dos jardins cercanos perfumavam mais um despertar veranil desta terra abençoada.

Uma oferenda para os olhos de quem a mirava lá do alto, quieta e silenciosa, até onde o Atlântico encontrava a baía de Cascais. Nada ali deixava transparecer os ecos da guerra que grassava pela Europa, ensombrada por inenarráveis atrocidades, mortes impiedosas e cidades fatalmente destruídas. Era como se este recanto português fosse uma realidade aparte, situada noutra dimensão que mal algum pudesse alcançar. Enquanto Hitler avançava pelo mundo, anexando

ao território alemão nação atrás de nação, e tomando à força as que não se lhe rendiam, a Costa do Sol assumia os contornos de um oásis no meio do deserto, no qual desembocava a uma cadência quase diária gente evadida do conflito bélico, desde refugiados judeus a altos quadros dos países invadidos e à mais elitizada aristocracia.

Surpreendentemente, depois de meses antes, com o início da II Grande Guerra, muitos hotéis se terem visto obrigados a despedir pessoal, dada a falta de clientes que os deixara vazios, assistira-se a uma inesperada reviravolta do destino, com pessoas vindas de França e de Espanha a chegarem em massa ao Estoril em busca de acóito nas suas luxuosas instalações. E assim, a crise que o conflito bélico, no seu arranque, parecera agoirar para a Côte d'Azur portuguesa, dera lugar a tempos de abundância, com os seus estabelecimentos hoteleiros a rebentarem pelas costuras. O emblemático Estoril Palace viu-se obrigado não só a repescar os antigos funcionários que se vira forçado a dispensar, como ainda a contratar outros tantos, que lhe permitissem responder a tanta e imprevisível procura. De um dia para o outro, os Estoris pareciam ter-se tornado o centro do universo, vestindo-se de fausto e festa, enquanto as demais metrópoles europeias gemiam de medo e de dor.

Com a elite europeia de realezas, intelectuais, estadistas e artistas que dava agora vida e esplendor a este destino de paz e sol que sorria ao Atlântico, chegavam também espiões de ambas as facções beligerantes, acrescentando ao *glamour* deste Estoril do início da década de 40 uma certa aura enigmática, de gestos ocultos e intuitos encapotados. Nesse Verão em que a Portugal passou de mero espectador da guerra a palco de intrigas e actividades de espionagem, juntavam-se imprevisivelmente às mesas do casino personalidades, agentes secretos e contrabandistas de diamantes, lado a lado com o inimigo. Mas não só os recém-chegados concorriam a este ambiente cosmopolita e enigmático que pulsava no Estoril e no Cascais de então, mas também muitos residentes locais, portugueses e estrangeiros, que aderiram ao apelo do folgado e às causas de um ou de outro lado do conflito armado europeu.

Era o caso de Emily, já estabelecida em Portugal quando aquele rompera, e que vira a sua pacata existência neste país mudar do mero e inocente exercício das funções de conferencista e de historiadora, para o de espia ao serviço de Sua Majestade e dos países Aliados, aos quais o Reino Unido se juntara logo a 3 de Setembro de 1939, dois dias após a invasão da Polónia pelas forças das Potências do Eixo.

Nesse amanhecer, subitamente consciente do fardo que carregava, e sob ele vergada, dirigiu-se à consola que arrematava a parede do fundo da sua dependência, sobre a qual, num tabuleiro de madeira de carvalho e remate rendilhado de metal, se dispunha uma série de bebidas que mantinha habitualmente no quarto, dois copos de pé, e dois pequenos cálices. A princípio, hesitou na escolha, debatendo-se entre uma garrafa de limonada *gazona Jansen*, ou um cálice de Porto; mas ambos estavam tão mornos como a madrugada e acabou por decidir-se a descer ao bar do hotel, para beber uma cerveja fresca. Era muito cedo para uma bebida alcoólica, pois sim, para mais sendo mulher, mas os recentes acontecimentos haviam lançado a sua vida num turbilhão e a jovem inglesa procurava encontrar na boémia a coragem que a sua actual situação lhe exigia.

Impaciente, abriu o guarda-fatos em busca de um vestido adequado à hora, optando por um modelo floral, de fundo branco de rosas fúcsia, abotoado à frente de alto a baixo, mangas justas acima do cotovelo, e gola *chemise* em «v». Vestiu-se à pressa, arrematando a *toilette* com uns sapatos brancos arredondados e abertos à frente, de salto curvado e ligeiro, que abotoavam ao lado. Atirou os pertences para uma carteira da mesma cor e preparava-se já para sair quando, olhando-se de passagem ao espelho em talha, de corpo inteiro, que pendia da parede de fundo do *hall* dos seus aposentos, deu conta do desalinho em que a noite anterior lhe deixara o cabelo, que resolveu então cobrir com um chapelinho vermelho, clássico e simples, chegado à cabeça e de breve aba a toda a volta, somente interrompido ao laço por uma flor do mesmo tecido. E, sem mais delongas, saiu, fechando atrás de si as memórias da insónia de uma noite sem pregar olho.

Eram 6 da manhã. No bar resistiam apenas os boémios da véspera, já sem diálogo, de cotovelos pousados sobre as mesas, a esgotar os seus cigarros. Ao senti-la chegar, fixaram nela o seu olhar, para logo voltarem ao seu torpor. «*It's Llewellyn*», ouviu-os ela murmurar, enquanto tomava o seu lugar numa mesa solitária, próxima da janela do fundo — a mais distante do bar. Àquela morta hora matutina, uma empregada passava o belo chão de lajes pretas e brancas com uma vassoura enrolada num pano húmido, desviando-se dos clientes para não os incomodar. O *barman* passou por ela como se não a visse, dirigindo-se à jovem britânica:

— *Good morning, madam!*

— *Good morning, Tomach!*

— *The usual, madam? Black tea?*

— Não, o de costume hoje não, Tomach. Uma cerveja *Jansen*. Bem fresca!

— *Very well, miss Llewellyn* — respondeu o rapaz, retirando-se ligeiro, enquanto a historiadora acendia mais um cigarro, de olhos postos nos jardins que dali se avistavam. Perdia-se nos seus pensamentos, já de copo na mão, quando uma voz a despertou das suas reflexões:

— Emily! Emily Hafren Una! Aqui, a esta hora indecente, em que só os pobres e os devassos estão a pé?

— Bom dia, Bernardo. Pelos vistos já somos dois — disse a inglesa, ajeitando com os dedos as madeixas revoltas de cabelo escuro que lhe apareciam sob o chapéu.

— Na verdade, ainda nem fui à cama. Apenas passei pelo quarto para me refrescar e trocar de roupa, que a de ontem cheirava aos vícios da noite e não rimava com a discrição que a manhã pede.

— Também eu dormi. O calor não me deixou.

— O calor, ou a companhia? — gracejou o cavalheiro, satisfeito com a sua alfinetada.

— Ora, Bernardo, o boémio aqui é o meu amigo! Nenhuma companhia masculina se me conhece.

— Diz bem, se lhe conhece. Mais um acrescento ao seu mistério.

— Mistério? Nada escondo sobre mim. A minha vida é um livro aberto. O que quer saber?

— Para começar, o significado do seu nome.

— Llewellyn?

— Não! Esse sei que é galês, de origem celta, e que vem de *llyw*, líder, e de *eilun*, parecido com algo. O que, feitas as contas, me dá qualquer coisa como: «semelhante a um líder»? — alvitrou, sorridente, o jovem português.

— Provavelmente — respondeu ela, divertida. — Então, se conhece o significado de Llewellyn, sabe Deus onde o foi decifrar!, o que o intriga?

— Hafren Una! Nunca os tinha ouvido antes!

— Ah! São igualmente de origem galesa. Una quer dizer «onda branca»; já Hafren, também pronunciado Havren, deriva de «rio Severn», e é de significado desconhecido. Sabrina é a forma latina desse nome; reza que foi uma princesa que se afogou naquele rio, não havendo certezas quanto a se foi o rio a dar-lhe o nome, ou o contrário.

— Ou seja, «a onda branca do rio Severn?»

— Algo parecido — riu a britânica.

— Tenho uma vaga ideia de haver uma Sabrina na peça *Comus*, de John Milton. Era uma ninfa, se não estou em erro!

— Bernardo de *Assich*, o menino, um *playboy* inveterado, sem uma preocupação no mundo, conhece a obra de John Milton?

— Bernardo de Assis Keil Lira Bacelar e Teles de Viana, aliás. Pois, veja lá a minha amiga, que inesperado! Devo ter encontrado o livro nas estantes empoeiradas do meu avô e lido numa noite de insónia.

— Troça. Às vezes pergunto-me quem se esconde verdadeiramente por detrás desse homem sem ocupação.

— Um mero diletante nos meandros da arte e da cultura. Nada mais. Não tenho mistérios. Tal como o pão, vagueio pela vida ao sabor do vento, despreocupado, gozando cada ida à ópera, aos bailes, aos clubes nocturnos, de preferência de copo na mão, enquanto queimo descontraidamente os milhões da minha família.

— Que fardo o seu!

— É verdade, que suplício! Como vê, sou tão desinteressante como aparento. Nada em mim surpreende.

— A não ser o seu longo nome. E eu que achava que o meu era extenso.

— E é, para uma britânica. Se bem que, de nobreza se tratando, a abundância de nomes se justifique. Em Portugal, como já se deve ter apercebido, é comum carregar vários apelidos, assim honrando as famílias de ambos os lados; a não ser que se seja um Zé-ninguém, com um mísero nome próprio, e um sobrenome da mãe e outro do pai, quando não somente este último. Mas também aqui a profusão de nomes aumenta em função da classe social e do sangue azul que nos corre nas veias; sou filho de diversas casas brasonadas, todas dignas e de obrigatória menção.

— Tais como?

— Na verdade, todos os meus apelidos são de linhagem, uns mais importantes que outros. Bacelar, por exemplo, é um ilustre nome da região do Minho; Lira tem raízes galegas; e Viana, igualmente minhoto, é de origem toponímica, e terá sido o termo usado pelos ancestrais povos ibéricos para dizer montanha.

Há, porém, quem lhe atribua outras proveniências, como a de uma lenda que se perde no tempo, e que diz respeito a Ana, uma bela jovem, por quem um pescador nutria uma grande paixão, não se cansando de bradar, a quem o quisesse ouvir, «vi Ana!». Comovido com os relatos, o rei D. Afonso III rebaptizou o local como Viana.

— Bonita história!

— Com efeito. Uma de muitas que por este país se contam.

— É curioso, o transparente e aparentemente inútil Bernardo de Assis de Viana guarda afinal em si o enigma da cultura que o define.

— Ah, mas eu nunca disse que era estúpido! Sem brumas que me envolvam, sim; agora rústico, não. Tampouco me perdoariam os meus insígnis avós que este seu descendente não dominasse vários saberes. Tanto que cursei direito, embora nunca o tenha exercido.

— É, assim, advogado?

— Licenciado e encartado! E de escritório aberto em Lisboa, embora jamais lá ponha os pés.

— Um brinquedo para o menino aristocrata!

— Tal como a sua passagem por Lisboa para si o é!

— Somos uns privilegiados, e nem nos damos conta do mesmo.

— Talvez. Embora a afrouxada e insípida vida de fidalgo desocupado seja por vezes muito enfadonha. Senão, atente bem, que atractivos me reserva o dia de hoje, a não ser degustar os meus cigarros, abrir umas garrafas e deambular por este Estoril, sem destino nem propósito? Muito cansativo, na verdade!

— Um baile, ao cair da noite; ou um encontro fortuito com uma bela mulher...

— Quem sabe! Que seria de mim sem as minhas musas? Como a Emily, abençoada entre as mulheres, com raça e graça.

— Eu? — riu-se Emily, divertida.

— Como não? Logo hoje, que traz as suas rosas inglesas.

— As minhas rosas inglesas? Ah, o padrão do meu vestido! E que interesse pode isso ter? Que diferença traz à humanidade?

— Toda! *Absolutely!* As escolhas etnológicas das mulheres têm grande valor antropológico e social, e revelam o passado e o presente das diferentes culturas e civilizações.

— *Oh, my goodness!* Que exagero, Bernardo!

— Troça, minha cara amiga, troça. Mas o modelo que esta manhã enverga, na sua simplicidade, traduz não só o seu gosto pelo clássico, como a paixão inglesa pelos motivos florais, e ainda a alvorada da modernidade feminina.

— Tudo isso num só vestido?

— Tudo e muito mais, mas por respeito, e dada a prematuridade da hora, fiquemo-nos por aqui. Ademais, o dever chama-me. Vemo-nos mais tarde, *miss Llewellyn*.

— Dever? Que dever, se nada a vida lhe exige?

— O de ir à missa. Esquece-se de que hoje é domingo.

— Missa? Tinha-o por ateu!

— Com efeito, eu, agnóstico, me confesso. E, todavia, para aliviar a minha santa mãe do receio de que o inferno me aguarde, cumpro dolorosa e diligentemente esta tarefa domingueira. Um tédio! E sem poder fumar um cigarro ou beber um brandy enquanto o tormento dura! Mas lá terá de ser! *See you, beautiful Emily*, que essa afortunada Londres viu nascer! Já lhe deve sentir a falta!

— Nenhuma! Quem pode ter saudades da fria Londres, quando se tem o abraço caloroso do Estoril? — alegou a jovem, acenando levemente com a mão ao amigo de que se despedia, para voltar a concentrar o seu olhar nas flores do parque fronteiriço, enquanto a memória lhe recuava décadas e atravessava o Atlântico.

Fora, de facto, na casa apalaçada que a sua família detinha na capital britânica que Emily Hafren Una Llewellyn viera ao mundo, a 4 de Setembro de 1916. Filha mais nova de James Irvin Bridgeman, cedo tomara o gosto pela genealogia, inspirada na intrincada ascendência da sua própria família, que o avô paterno, *Lord* Bridgeman, não se cansava de lhe narrar. Fora essa tradição familiar que a levava a apaixonar-se pela História, em cujos tomos passou a enfiar-se dia após dia, e, por fim, a enveredar por um curso na mesma área. Muito para desgosto do seu pai, que dela esperava um rumo como o seguido pelos seus outros filhos, nos campos da medicina, das leis e da economia, ou um bom casamento, dentro da aristocracia britânica, o qual perpetuasse o bom nome das duas famílias que trazia no sangue, à semelhança do que fizera a sua outra filha, Marjorie Louise. Mas Emily escolhera abraçar a sua paixão, com o beneplácito da mãe, uma nobre galesa de fina linhagem, de seu nome Anna Owena Llewellyn, que igualmente incentivara o percurso de pintor do seu filho Theodore. A bênção de Anna Owena aos caminhos artísticos dos seus dois rebentos mais jovens incomodava solenemente o marido, que idealizara para a sua prole carreiras mais tradicionais e respeitosas. Essa benevolência e abertura de espírito da mãe acabou por determinar a escolha do apelido pelo qual Emily Hafren e Theodore Elwyn decidiram ser conhecidos: o galês e materno Llewellyn, ao invés do inglês Bridgeman, que muito envaidecia o seu pai e o seu avô, o compreensivo patriarca, Lyle Otis Bridgeman.

— *A penny for your thoughts!*

— *What, mister Rome?*

— A sua expressão transmitia uma serenidade tal, que não resisto a perguntar-lhe o motivo do ténue sorriso que se lhe vi desenhar no rosto, *miss* Llewellyn.

— E pelos pensamentos estava disposto a gastar um tostão?

— Oh, um tostão e muito mais, se necessário fosse!

— Pois confesso que me distraía com lembranças de casa, que da sua não distará mais do que uns 200 quilómetros, deduzo eu. É de Londres, Ashley, não é assim?

— De Maidenhead, não muito distante da capital, na verdade. E o seu distinto avô, ao que sei, é de Ludlow.

— *Lord* Bridgeman? Sim, mas eu pensava na terra da minha mãe, um pouco mais a oeste, na vizinha Gales.

— De onde é exactamente a sua mãe? — Interrogou o diplomata, penteando o seu cabelo liso e louro, que teimava em cair-lhe sobre a testa.

— De Usk.

— Usk, hein?

— Um charmoso pequeno burgo provinciano, de casinhas brancas e telhado preto, que nasceu em tempos idos do comércio que nele pulsava. O seu rio, do mesmo nome, é atravessado por uma bela ponte de arcos em pedra.

— Usk. Curioso nome. E, no entanto, a sua etimologia lembra a de tantos outros rios britânicos.

— Nem mais! Usk será parente dos termos gaélicos *uisge* ou *uisce*, que significam água, e, por consequência, de *whisky*. Pois foi aí, na campanha galega, que Anna Owena veio ao mundo.

— A sua eminente mãe, presumo. À beira do whisky — brincou Ashley, abrindo o seu belo sorriso.

— Exactamente. Única filha do barão de Usk, que veio a herdar o título de baronesa, por morte da própria mãe, ainda durante a sua infância. A sua educação foi então confiada a uma tia materna, mulher muito à frente do seu tempo e invulgarmente emancipada na Grã-Bretanha rural do início do século.

— *Well, well! Very interesting.* Mas, por favor, continue.

— Manod Manon, assim se chamava essa minha tia, que viria a revelar-se o robusto pilar da família face à tragédia do prematuro falecimento da irmã mais velha, e fazendo jus ao seu nome, que simbolizava *montanha de gales ocidental* ou...

— *Rainha* — interrompeu o inglês. — *Oh, yes!* — esclareceu, perante a surpresa estampada na face da sua interlocutora. — *Manon, my dear*, é rainha!

— Nem todos conhecem o significado do seu nome — avocou Emily para motivo do seu espanto.

— Acontece que eu, menina, não sou como os seus «todos».

— Não — concordou a historiadora, subitamente enrubescida. — Queira perdoar-me o meu impensado comentário.

— Que ideia! Não me incomodou de todo. O que incomodaria era não conhecer um pouco mais dessa sua parente, que parece destacar-se do comum e conformado universo feminino campestre.

— E como se destaca a tia Manon! Desde sempre prendada nas artes da pintura e da escultura, a que dedicava grande parte do seu tempo, e as quais passaram igualmente a ser as principais actividades da então pequena Anna. À medida que a sobrinha, e minha mãe, crescia, iniciava-a noutros *hobbies*, como a leitura. Nenhum livro lhe vedando, de Walter Scott a Balzac, Zola ou Dostoyevsky — prosseguia Hafren Una, com uma ponta de orgulho na voz.

— *Very clever, indeed, that aunt of yours!* — aprovou o conselheiro de embaixada britânica em Portugal.

— O avançado estilo de vida de Manon, a qual, como o meu avô gostava de gracejar, era «artista, feminista, naturista, e outras coisas acabadas em “ista”» — citou, para divertimento do seu compatriota. — Passou igualmente a pautar a vida da minha mãe. Foi, aliás, pela mão da minha tia-avó, numa das suas habituais idas às lojas de Ludlow em busca de mais uma antiguidade ou de uma nova obra de arte, que ela acabaria por conhecer aquele que viria a ser o seu marido: o imprevisível Bridgeman, que, braços aparte, em nada parecia combinar com ela.

— Os opostos atraem-se, minha cara amiga.

— James Irvin era clássico e conservador onde Anna Owena era moderna, pondo liberdade em cada um dos seus gestos e acções.

— *Oil and water, hum?*

— Ou água e vinho, como se diz em português. Em suma, a antítese um do outro. E as suas disparidades materializavam-se também

no aspecto físico, contrastando os cabelos louros e os olhos azuis do meu aristocrata pai inglês com os traços celtiberos daquela que me deu à luz: de olhos e cabelos escuros. «Se os celtas nos deram altura, os iberos fizeram-nos morenos!», costumava dizer o velho Llewellyn, referindo-se à herança genética dos galeses.

— Dizia bem o seu avô, já que não só se distinguem os galeses dos demais britânicos pela tonalidade dos seus cabelos, como ainda pelo seu carácter sentimental e tradicional apego familiar, marcas dos povos do sul — acrescentou Ashley, claramente interessado pelo tema da prosa.

— Mais tarde, porém, quando as divergências começaram a manifestar-se, diria Manod à minha mãe, sua tutelada: «desposaste uma pintura e deparaste-te com o homem por detrás do quadro.»

— Muito engraçada a sua tia-avó! — declarou o britânico, largando num riso desatado. — Imagino que o bom Bridgeman veja em si a perfeita legatária do modo de vida da sua arrojada tia-avó: mulher, moderna e livre de amarras sociais.

— Para mal dos seus pecados foi a ela que saí, sim. Não se cansa, aliás, de nos comparar, vaticinando-me o calvário de uma vida de solteirona. Afinal, a tia Manod Manon nunca chegou a casar-se, preferindo a liberdade de amar sem compromisso, solta como um pássaro, como amam os artistas.

— Cujo exemplo a minha estimada Emily parece empenhada em seguir — alvitrou ele.

— Não à letra, nem intencionalmente, mas verdade seja dita que nos tocamos em muitos pontos. Tive uma ingénua e inconsequente paixão de adolescência por um aprendiz de pintor e uma relação mais séria, embora inocente, com Edward Ira Jones, um empresário de têxteis, de moderada fidalguia da Inglaterra campestre. Mas, quando o senhor James Bridgeman julgava ter finalmente encontrado um pretendente à minha altura, e o partido ideal para esta sua filha «fêmea», como ele gosta de gracejar, eis que decido trocar a Grã-Bretanha por Portugal. Não foi um percurso fácil nem sem obstáculos. Mas eu estava decidida a seguir rebeldemente o meu caminho, indiferente, confesso, ao desgosto e aos insistentes apelos do meu pai. E lá me despedi eu

da minha rotina londrina, onde arranjara trabalho como consultora histórica do Royal Art Academy, e embarquei em direcção a esta Lisboa que Deus ilumina.

— Soube que é formada em História.

— Sim, pela universidade de Oxford.

— E como veio aqui parar, se me permite a indiscrição da pergunta?

— Ora, Ashley Rome, duvido de que haja algum detalhe da minha vida do qual não esteja a par! — avaliou ela, em tom irónico. — Mas, seja, *I will humour you*: Vim a convite do British Council, que me sabia iniciada em língua portuguesa, para promover uma série de palestras sobre a História de Inglaterra, levadas a cabo naquela instituição. Contudo, findas estas, ao cabo de uns meses, resolvi permanecer em Portugal, pelo qual me apaixonei. Como não? Decidi iniciar um mestrado sobre a História da Idade Média. Entretanto, contudo, rebentou a guerra e a minha escolha acabou por revelar-se providencial; principalmente quando, em Abril deste ano de 1940, como é do conhecimento comum, a Alemanha invadiu a Dinamarca e a Noruega, para logo depois, em Maio, tomar a França, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo.

— E um mês volvido, foi a vez de Itália ocupar e neutralizar a França, declarando guerra a esta e ao nosso Reino Unido, o qual os países invasores, ditos do Eixo, começam agora a bombardear. Factos que, aliás, soubemos pelos jornais matutinos pendurados nos cafés a molduras de bambu, e que tantos trouxeram, fugidos da guerra. Como vê, sem o prever, minha jovem Emily, deu por si num dos poucos países desta Europa ferida e agoniada cujo presidente teima em manter-se neutro, pelo menos oficialmente, e está a salvo dos perigos das armas. O seu pai devia dar-se por feliz pela inadvertidamente adequada escolha.

— Bendi-la hoje, de facto, sempre que nos correspondemos. Tudo indica que o conflito armado não chegará cá; já a neutralidade deste chão e a minha segurança... enfim, o tempo o dirá. Como bem o sabe, meu caro Ashley. Só nós e Deus o sabemos. Como o meu amigo referiu e bem, Oliveira Salazar não se compromete com nenhum

dos lados beligerantes; e, no entanto, não só simpatiza com a causa de Hitler, como fornece aos alemães o volfrâmio essencial para a sua indústria de armamento.

— Também a nós no-lo vende, embora em menor quantidade. Foi com esse comércio, aliás, que o ditador português «comprou» a neutralidade de Portugal. Não se esqueça de que Salazar vê na Guerra uma ameaça ao regime do Estado Novo, tanto que, para evitar que Portugal nela entre, concentra em si as pastas de Presidente do Conselho de Ministros, Ministro de Estado, Ministro das Finanças, Ministro da Administração Interna e Ministro de Guerra. Na verdade, teme a perda de soberania do país que governa, quer para o vizinho Franco, que indubitavelmente a cobiça, quer pelo próprio *Führer*, certamente também de olho nesta nação estratégica e nas suas colónias ultramarinas. Consta até que já substituiu a fotografia de Mussolini que tinha na sua secretária em São Bento, por uma do Papa! Não é de admirar, como tal, que a sua prioridade neste momento seja a de minorar os riscos de semelhante ocupação. Ou não se revestisse Lisboa neste momento de particular importância, quer pela sua privilegiada situação geográfica e a sua capacidade de transporte marítimo de mercadorias, como pelas matérias-primas que produz e exporta.

— É certo, mas tem duas bitolas e duas medidas, como se vê pelo perdão que concede às actividades de espionagem dos germânicos, quando a nós, a sua polícia nos sanciona severamente pelas mesmas — comentou Emily, baixando a voz, de olhos repentinamente ensombrados, assaltada pelo temor que a tomava desde que aceitara o repto do MI6 para engrossar as suas fileiras de espiões. Pela pátria e contra a hegemonia germânica. A família, naturalmente, ignorava o trajecto arriscado que há pouco encetara. Nem o poderia saber. Ninguém o poderia, de facto. — Mas este não é o local nem a hora para avaliar o que nos rodeia — admitiu, por fim.

— Não, não o é, de todo.

— O que sei é que morro de tédio! «Nada há nada de novo debaixo do sol.», como versa algures a Bíblia.

— Eclesiastes, capítulo um, versículo nove.

— Não cessa de me surpreender, Ash. Crente em Deus?

— Que nada! Apenas um diplomata informado e com quilómetros de pesquisa trilhados para os mais diversos fins. O que faz esta noite?

— Esta noite? Talvez dedique o serão a dar um avanço à tese que preparo sobre castelos medievais ibéricos.

— Ora, *miss Llewellyn*, não é dito e sabido que tem saído todas as noites? — contestou o inglês, com um sorriso matreiro.

— Não o nego. É o apelo da noite! E um remédio infalível para um coração magoado — procurou disfarçar.

— Já mo tinha dito — fingiu acreditar o seu interlocutor. — Há uma festa privada, hoje, dada por um casal inglês, no Monte Estoril. Gostava de que viesse e me fizesse companhia. Sempre a ajudaria a ultrapassar esse tédio de que tanto se queixa e o tal desgosto amoroso que assim a traz acabrunhada.

— No Monte Estoril, hein? Está certo. Far-lhe-ei companhia.

— Às 7 da tarde, então, espero-a aqui no *lounge* do hotel.

— Às 7 em ponto aqui estarei.

— Isso! Até logo, *miss Llewellyn*.

— Há-de fazer-me bem! Há-de ajudar-me a esquecer quem não me merece! — ainda alvitrou ela, enquanto Ashley se afastava. A verdade, contudo, é que Emily andava alvoroçada por outros motivos. Recentemente, começara a sair a ritmo diário, não se quedando pelo quarto uma noite que fosse, exagerando nos cigarros e na bebida, e atribuindo oficialmente o seu desassossego a um mal de amor. Mas no âmago do seu ser sabia — tal como o suspeitava o conselheiro do representante da Grã-Bretanha em Lisboa — que era a vida dupla, o secretismo que a envolvia, e os perigos que, ao aceder a vestir o papel de espia, a espreitavam agora em cada esquina, que a traziam ansiosa e sobressaltada. O seu novo modo de vida acabou por granjear-lhe a fama de mulher experiente e mundana, o que, na verdade, não correspondia à realidade. Se bem que Emily fosse desde cedo uma jovem emancipada, habituada a viajar e viver sozinha, e a cortejar os seus inúmeros pretendentes, sem pudor nem preconceitos. O ambiente da guerra também lhe proporcionava e perdoava tais liberdades.

Por ora, a inglesa começava a dar os primeiros passos naquele mundo que até então desconhecia, o dos espíões, tendo, num evento organizado pelo British Council para assinalar a chegada de um tal Jarvis, sido apresentada ao mesmo precisamente por Ashley Rome — tal como ela, alojado no Palace Estoril Hotel. Ora, o recém-chegado era o advogado e ex-banqueiro Ralph G. E. Jarvis, que sob as ordens vindas de Londres de Charles de Salis, conduzia a Secção V, a qual não era nem mais nem menos do que a rede de estações de espionagem e contra-espionagem do SIS — ou MI6 — britânico no estrangeiro, e, por consequência, em Portugal. Haviam-se cruzado há dias e do seu primeiro encontro retivera ela a dissertação sobre a história da *British Intelligence* com que ele logo tratara de a brindar, e que Una revia detalhadamente em pensamento, como quem se prepara cautelosamente para um teste académico:

— Como certamente estará a par, *miss Llewellyn*, nos idos anos 20 a antena do SIS em Lisboa, temporariamente fechada, foi reaberta no Consulado Britânico desta cidade, onde ainda hoje funciona, mas cujas instalações em 1939 não passavam de uma pequena sala nesta instituição.

— Sei também que na última década, a estação lisboeta dos serviços secretos ingleses foi dirigida pelo comandante Austen Walsh, secretário-geral da embaixada na capital portuguesa, que aqui se manteve à frente do Shipping Office britânico até ser substituído por Richmond Stopford; e agora sê-lo-á por si, senhor Jarvis, o segundo-secretário da embaixada, acabado de chegar.

— Vejo que está muito bem informada — observara o diplomata inglês, fitando-a atentamente, enquanto avaliava as suas qualidades. — *Very well!* O seu nome foi-me sugerido por um conhecido comum, por reunir, a seu ver, os atributos necessários à função que lhe irei propor, sendo aqueles os de já estar em Lisboa desde antes da guerra, levar uma rotina discreta e dominar vários idiomas, entre os quais o português e o alemão, que hão-de lhe ser muito úteis no seu novo trajeto.

— Se me permite o atrevimento, senhor Jarvis, eu sei ao que venho; estou certa de que o convite de *mister Rome* para esta reunião, prevê uma futura participação minha no esforço de guerra do meu país. E quero que saiba que estou pronta para o mesmo. Assim sendo, tive

o cuidado de me preparar para esta eventualidade, ciente de que a representação diplomática britânica em Lisboa, dada a situação geográfica de Portugal e a neutralidade que professa, promete vir a tornar-se um polo por excelência da espionagem aliada no sul da Europa — atalhara Emily, conquistando a atenção e a aprovação do seu interlocutor, que, curvando a cabeça em anuência, acrescentara:

— Com efeito. E são essas condições excepcionais que pretendo explorar, potenciando os nossos serviços, nomeadamente os de espionagem, ao dotá-los de uma rede secreta à altura das suas exigências. Se tão bem estudou a sua lição, saberá também que o MI6 de Londres é dirigido pelo major-general Stewart Menzies, e que constitui a única agência secreta britânica a operar no estrangeiro — lançara o diplomata, na expectativa de obter uma resposta interessante da parte da galesa, que, tal como esperara, não tardou:

— Sim, estou devidamente informada, o qual conta instalar nos próximos tempos várias estações ao longo da Europa.

— Assim esperamos avançar. Ou não me chamo Ralph ou em breve a casa da diplomacia britânica nesta cidade tornar-se-á o mais importante centro europeu de espionagem inglesa! — retorquira ele, feliz com as aptidões reveladas por Emily.

— E que eu seja um dos seus peões neste xadrez! — arrematara ela, para agrado de ambos.

Findas as apresentações e delineados vectores de acção, ficara assente que os futuros contactos de Emily com os serviços secretos de Sua Majestade seriam feitos através de Connie Jarvis, a mulher do chefe da Secção V portuguesa, Marguerita Winsor — a quem chamavam Rita —, e que fora evacuada recentemente da estação de Genebra, Jack Ivens (estabelecido em Portugal há vários anos como comerciante de fruta), e Ashley Rome.

Todavia, desde que aceitara o arriscado encargo de espiar o adversário nazi num país oficial, mas dubiamente neutro, Emily via a vida com outros olhos, parecendo adivinhar uma entrelinha, ou uma segunda intenção, em cada gesto de cada ser humano com quem se cruzava. Para ela, a partir dessa noite do Verão de 1940, toda a humanidade perdera a inocência.

Nessa manhã, Emily foi a primeira a chegar à praia. Não sem antes voltar ao quarto para se munir de mais um maço de tabaco dos seus tradicionais *Chesterfield* e de uma sombrinha que a protegesse do sol, e de passar pela tabacaria para comprar o jornal matutino Diário da Manhã e o seu habitual Anglo-Portuguese News — para seu grande incómodo, o London Daily Mail ainda não havia chegado às bancas do Estoril —, tomando então o caminho do mar. A areia estava intocada e os banheiros começavam agora a abrir os toldos e a dispor as espreguiçadeiras. Também dos bares contíguos chegavam ruídos de arrumos e de loiça, com que certamente os seus funcionários punham as mesas para os pequenos-almoços. Por instantes, Emily esquadrinhou as esplanadas, na esperança de descobrir alguma já aberta onde tomar um café, mas um gesto de mãos abertas de um empregado (que notara o seu olhar curioso), confirmou-lhe que teria de esperar uns dez minutos pelo deleite de ler o seu jornal com o oceano por horizonte. Então, guardou os jornais na mala, descalçou-se e caminhou pela areia até a sentir molhada por debaixo dos pés, e avistar o Atlântico a escassos metros de si. E ali, surpreendida como se fosse a primeira vez que enxergava aquele cenário paradisíaco, se deteve pasmada a contemplar o quanto de azul e casas nobres telhados recortados nos céus a sua vista alcançava.

Nada se comparava ao seu Tamariz! Nem o *glamour* de Monte Carlo, onde em criança passara férias com os pais, conseguia ultrapassar a magia desta estância, outrora somente frequentada por uma afortunada elite. As suas alegres esplanadas, em socialcos, pinceladas das mil e uma cores dos seus garridos guarda-sóis; as suas águas macias, povoadas de veleiros, gaiivotas e barcos a remo — a sua luz, enfim — faziam daquela enseada atlântica um bálsamo para os olhos e para o espírito.

Soubera que a praia devia o seu nome aos tamarindos que, a par de outras espécies, arborizavam o velho forte seiscentista que o seu novo proprietário, Ernesto Driesel Schröeter, homem culto e viajado,

resolvera demolir para nele fazer nascer, no despertar do século XX, o Casal de São Roque — igualmente conhecido por Palacete Schröeter —, que trouxera ao extremo nascente da praia de Santo António uma visão exótica do Oriente.

Distraída nestas suas divagações históricas, deu consigo já a chegar à Poça, onde o edifício de torreões e ameias dos velhos banhos da Misericórdia de Cascais — hoje desactivados — dominava o chão rochoso daquela praia despida de areia, para onde escorriam, desoladas e inúteis, as águas que dantes curavam doenças de pele e reumatismos. Um pouco mais a oeste, sabia desenhar-se a pequena e ímpar Azarujinha: um local magnífico, talhado na encosta de uma falésia, onde se erguiam chalés e palacetes novecentistas e do início do século, que cingiam a diminuta enseada com o distinto e deslumbrante abraço do seu conjunto arquitectónico. Desta feita, porém, não iria admirar o seu nobre e sumptuoso casario, cujas origens tampouco conhecia. Rome havia-lhe falado por alto num certo jornalista, fluente em inglês, muito interessado nas histórias da História, que supostamente estaria presente no jantar desse serão. Talvez esse Marques — assim parecia chamar-se — lhe pudesse satisfazer a curiosidade que a agastava sobre o nascimento daqueles recessos.

Refez, então, os seus passos até bar do Tamariz, que foi encontrar já composto de assíduos e matinais frequentadores, apressando-se a seleccionar uma mesa retirada e afastada do paredão, onde se pudesse dedicar à leitura dos seus jornais. Sem delongas pediu um *earl grey tea* e começou a procurar no diário português notícias que lhe chamassem a atenção. Pouco mais conseguia ler que os seus títulos e parágrafos introdutórios, mas tal não a detinha, esforçando-se por compreender o sentido dos textos. A primeira página destacava uma vez mais a Exposição do Mundo Português, a propósito da visita de um alto dignitário estrangeiro; mais adiante, fazia abreviadas alusões à guerra que feria a Europa, mas, grosso modo, dedicava o restante jornal ao enaltecimento de múltiplos actos e inaugurações do Presidente do Conselho; por fim, reservava uma secção ao público feminino, em nome da moral

e dos bons costumes. Entediada, *Emily* pousou o matutino lusitano, que estava longe de ser o seu preferido; porém, o seu Diário de Lisboa, que fazia a luta possível ao regime salazarista, só saía à tarde, e a avidez da galesa por novidades não soubera esperar por este. Pegou então no semanário anglo-português, folheando, interessada, cada página do mesmo. Entusiasmada pelo facto deste, por obras mágicas, não estar tão sujeito às condicionantes da ditadura e da censura portuguesa, procurava nas suas páginas alguma informação mais precisa e regular sobre as andanças do conflito armado, a par das novidades da cultura e sociedade inglesa, que muito lhe agradavam.

Preparava-se, por fim, para fechar o jornal e beber tranquilamente o seu chá inglês, quando deu com os olhos no nome que lhe saltou da ficha técnica: Luiz de Oliveira Marques, director. Seria esse o tal Marques de que Ashley lhe falara? Tudo o indicava: jornalista, bilingue e com aquele apelido, a quem mais poderia o seu amigo estar a referir-se? A promissora ideia precipitou o seu regresso ao hotel, antecipando, quiçá, ter a sorte de se cruzar com Ashley no *lobby* ou num dos bares do mesmo, e de poder saciar a sua curiosidade. Lá chegada, todavia, foi informada de que «o senhor Rome tinha saído». Impaciente mas animada, *Emily* subiu ao seu quarto, determinada a ler atentamente cada linha do referido jornal, enquanto esperava ansiosa por ver chegar a hora da reunião social daquele fim de tarde.

Ao almoço — que tomou no restaurante do hotel — não encontrou nenhum dos seus habituais amigos. Bernardo estaria certamente a curar a ebriedade da noite anterior; o diplomata britânico, adivinhava-o embrenhado numa qualquer função oficial; e as suas amigas inglesas, umas de férias, outras refugiadas — todas, contudo, desocupadas — andariam naturalmente pelas praias a desfrutar da água cálida de Junho ou a deleitar-se com a jovem fauna masculina que por ali pululava. Deu de caras, no entanto, com alguns rostos familiares; desde membros de renomadas casas reais europeias, a outros tantos que suspeitava serem judeus fugidos da perseguição nazi. A todos, sem excepção nem exclusão, cumprimentou com um «*how do you do?*» e um

aceno de cabeça ou um sorriso, que prontamente lhe devolveram com igual amabilidade.

Findo o repasto, passou pela recepção, a saber se havia alguma carta para si, voltando para os seus aposentos de mãos a abanar, mas de vivo ânimo. O resto do dia correu ligeiro e logo deu por si cuidadosamente arranjada, no *lounge* do seu Hotel Palácio, à espera de Ash Rome, que tal como ela, não se fez esperar.

— Fi fiu! — assobiou aquele ao vê-la. — *Miss Llewellyn, you look marvelous tonight!*

— São os seus olhos, caro Ashley, são os seus olhos.

— Nesse caso, padeço do mesmo mal que o nosso notável conselheiro de Estado inglês, já que também acho que está maravilhosa nesta noite! — ouviu o jovem Bernardo declarar-lhe por cima do ombro.

— Oh, Bernardo, por aqui, também?

— *Always watching over you..* Especialmente quando se me apresenta assim, esguia, qual modelo de um Modigliani — justificou-se o *dandy* português, para divertimento dos seus companheiros, que se riram com gosto.

— Um Modigliani, Bernardo? — troçou Ashley. — A perfeição de *madam* Llewellyn dispensa a traça estilizada. O candor de um Renoir assentar-lhe-ia bem melhor. Porém, reconheço que davas um bom jornalista, destro como és com os adjetivos e as analogias.

— Com efeito, com efeito. Inadequado, eu sei. Agora, que este vestido cintado, cor do chocolate, caindo ligeiro e fluido até só deixar antever os delicados pés da nossa galesa, a coloca no assento das deusas, lá isso não podes negar.

— De todo! — anuiu o britânico.

— Exageram, os meus amigos. É apenas um modelinho que mandei fazer no Chiado, a partir de um figurino francês.

— Um modelinho! — escarneceram os dois homens em coro.

— Talvez devêssemos pedir a opinião do nosso bom Maurice. Afinal, não trabalhava como costureiro em Paris, antes de vir para cá? — lembrou Bernardo, bem-disposto.

— Que tontice! Deixe lá o Maurice no seu canto. Não é melhor que nos apressemos? — questionou Emily. — Já se faz tarde!

— Nada! Ainda falta uma pessoa.

— Quem...?

— Já verá. Vá, Bernardo, vai chamar Maurice, que deve estar no bar a tirar as medidas a algum recém-chegado — ditou Ash.

— Shiu! Dizem-no assim, desabridamente?

— Ora, minha cara, pois se ele faz gala de assumir o seu gosto exótico pelo mesmo sexo!

— Ainda assim — dizia a fidalga, enquanto Bernardo se aproximava, já acompanhado do francês, que ao ver a jovem logo desenhou no semblante um ar de espanto.

— *Et alors*, Maurice? — inquiriu o português.

— Oh, tinha razão, *mon ami*, hoje *madame* parece uma verdadeira aparição! Que modelo! *En marron, très chic!* — declarou, circulando em torno da inglesa, apreciando o seu figurino, ao toque e à vista. — Mas deixe-me ver bem: as mangas sobrepostas ao corpete do vestido, unindo-se à frente num nó, como se de um xaile se tratasse; a saia que cai sob o justo *top*, em suaves godés! E o *bivac* do mesmo tecido que o compõe, *mon Dieu de la France!* *Ma chère Emily*, a menina hoje está divina! — concluiu o louro gaulês, de corpo franzino de bailarino e gestos empolados. — *Je t'embrasse!* — despediu-se, pousando um beijo repenicado na face da britânica.

— Até logo, Maurice — despediu-se ela, envergonhada.

— Ah, ei-la, que chega! Rosie Spencer. Agora, sim, estamos todos. Vamos? — sugeriu o diplomata, penteando a madeixa que lhe caía ao lado, enquanto indicava com o braço o caminho do carro.

— Já não era sem tempo! Também vem, Bernardo?

— Sim! Porquê? Não lhe agrada a minha companhia, *lady Llewellyn*?

— Que tolice a sua! Apenas me surpreendi com a sua vinda, nada mais.

— Não vejo porquê! Onde há festa, lá estou eu! Nada mais me move na vida — findou o «casanova», estendendo o braço à historiadora, para a conduzir até ao *Ford Anglia* que os aguardava na porta traseira do estabelecimento hoteleiro.

— Que noite magnífica! — bradou a desconhecida Rosie.

— É verdade, que temperatura estupenda! Em vez do casaco, trouxe o leque.

— Fez bem, minha amiga, que a temperatura ainda vai aquecer mais!

— O que quer dizer, Ashley?

— Em breve verá!

A casa dos Lewis, como logo Emily descobriria, era um antigo chalé de linhas *Art Nouveau*, encaixado no emaranhado de ruas do Monte Estoril. Comprado pelo casal ao antigo dono para — assim o alegavam — ali passarem a sua velhice, era um belo edifício assimétrico, arrematado à esquerda por um corpo mais elevado, à laia de torreão e painéis de azulejos tricolores a bordarem as suas altas janelas. A singeleza do jardim da frente escondia a riqueza do que se lhe rasgava atrás, pródigo em canteiros floridos de matizes várias, acoitados sob as palmeiras que lhe concediam um toque tropical.

Helen e Arthur Lewis, dois anglo-judeus, viviam em Portugal desde os primórdios da década de 30, em que a doutrina anti-semita de Hitler começara a revelar-se. Aqui, neste cantinho esquecido do mundo, mal algum os poderia assolar. O seu filho, Kenneth, que cursara economia em Harvard, nos Estados Unidos, e que uma vez casado com uma jovem de Illinois passara a trabalhar como consultor daquela área no *Chicago Daily News*, depressa fora alertado para o perigo nazi por um seu colega e amigo correspondente na Alemanha, como Ashley lhe fora explicando pelo caminho:

— Edgar Ansel Mowrer, assim se chamava esse jornalista americano, que era nem mais nem menos do que um dos mais perspicazes observadores do movimento nacional-socialista em sede própria, foi dos que mais cedo se apercebeu de que o ditador germânico não tardaria a passar das palavras aos actos. O trágico da questão é que os judeus alemães demoraram a tomar consciência do facto; mais rapidamente, na verdade, o entreviram os judeus americanos do que aqueles.

— Como foi tal possível? — interrogou a galesa.

— Ora, minha cara Emily, por pura fé e ingenuidade. Ainda nem o *Führer* tinha sido eleito, já na América se desconfiava das suas intenções. Em finais de 1932, Helen e Arthur, ainda residentes em Brighton, receberam uma carta do filho em que este lhes narrava um episódio que retratava bem esta situação e que muito os alarmou. Fora-lhe relatado pelo seu amigo Mowrer, que compareceu num jantar na casa de um proeminente banqueiro judeu, que, para seu grande sobressalto, muitos dos presentes — todos eles igualmente judeus da banca — haviam patrocinado os nazis, a pedido de industriais alemães não judeus.

— Céus! — clamou a, até então, circumspecta Rosie.

— *Preposterous, indeed, miss Spencer!* Mas, como dizia, quando o americano se disse atónito com o «impulso suicida» dos que ali se reuniam, o seu anfitrião argumentou que Hitler não devia ser levado a sério, que era cão que ladrava e não mordida, e que nunca materializaria a sua mais extrema retórica. Ademais, as doações dos abastados judeus deveriam mantê-lo razoável. Dramaticamente, somente uns quantos os judeus naquela sala leram nas palavras do jornalista o conselho inequívoco: «Saíam da Alemanha, e depressa!»

— É verdade, alguns judeus alemães compreenderam o risco que corriam antes mesmo de Adolf Hitler ser eleito chanceler, em 1933. Malfadado dia 30 de Janeiro! — interveio o motorista, para grande espanto de Emily. Ao ver a sua reacção, o assessor do embaixador britânico sossegou-a com um «Não se apoquente, *dear girl*, o Gastão é nosso amigo.», ao que ela respondeu com um sorriso, ainda intranquila.

— Helen! Arthur! — exclamou entrementes Bernardo, ao deparar-se com os anfitriões à porta da sua elegante residência.

— Bernardo, *my boy!* — retorquiu o inglês, dando-lhe cordiais palmadinhas nas costas. *Welcome!* Aliás, bem-vindos! — emendou, estendendo o sinal de boas vindas a todos os recém-chegados. O seu olhar, contudo, pousou sobre Emily, intrigado com a presença de uma desconhecida. A única que lho era, pelos vistos, já que o casal cumprimentara Rosie com grande familiaridade. — *And you are...?* — perguntou então à galesa.

— Esta é Emily Llewellyn. Emily Hafren Una Llewellyn, a amiga de que vos falei — adiantou-se Ash.

— É um prazer, miss Llewellyn — disseram sem hesitação os Lewis, a uma só voz.

— Ora essa, *sir, madam* — correspondeu ela, voltando-se para um e para outro. — O prazer é todo meu!

— Llewellyn, hem? Galesa, presumo.

— Anglo-galesa, *mister* Lewis.

— Deixe lá o senhor! Chame-me Art!

— Muito bem. Art.

— Mas entremos, entremos, que os cocktails já nos esperam na sala de jogo — atalhou Helen, convidando-os a segui-la.

Uma vez servidos dos seus *martinis*, vermouths e *dubonnets* — estes últimos tomados com gin e uma rodela de limão, tão ao gosto da família real britânica —, os homens dirigiram-se à mesa de *snooker*, prontos a disputar um jogo, enquanto as senhoras se sentaram nas poltronas de verga verde, em estilo provençal, que se perfilavam na ampla varanda de frente para o oceano e para o mundo que lhe ficava além. De início a sua conversa versou o trivial — o tempo, o calorão que se fazia sentir, os ecos das novas tendências de moda que chegavam de Paris —; contudo, os temas da guerra e da posição ambígua de Salazar perante a mesma, em breve tomariam conta do diálogo. Também de lá de dentro, entre tacadas, se ouvia discutir os mesmos tópicos. Assim o ditavam, aliás, as características e actividades dos convivas dessa noite. Esperava-se mais alguém, percebeu a páginas tantas a fidalga britânica; um casal, que vivia em Lisboa. Já passava das 9 horas quando o sino da porta tocou e Helen, levantando-se, anunciou:

— É a Susan e o Luiz. Agora que o nosso grupo está completo, posso mandar servir o jantar. *Are you hungry?*

— Com fome, *dear* Helen? Esfomeados! — gracejou Bernardo.

— *Very well*. A mesa espera por vós. E sossegue, meu caro amigo, que não é *British pie*! Hoje mandei preparar uma *filling salad*.

— *Filling salad?* — surpreendeu-se o jovem, de sobrolho franzido.

— É uma salada com base de massa e uma série de ingredientes mediterrânicos, para celebrar o Verão. Muito fresca e nutritiva, vai ver que gosta.

— Não duvido. Mas, oh, meu bom Luiz! *Dearest* Susan! Que prazer rever-vos! — soltou, ao ver o casal que chegava, e que a todos cumprimentou com um sorriso e um aperto de mão. Dos presentes, só Emily não os conhecia, mas *misses* Marques apressou-se a resolvê-lo:

— *Hello!* — disse, numa voz apiflautada a forte senhora, de cabelos louro e olhos azuis. — É um prazer conhecê-la. E este é o meu marido, Luiz de Oliveira Marques.

— Ah! — deixou escapar Emily, fazendo desenhar um sorriso no rosto do jornalista, que lhe estendia a mão.

— Vejo que já me conhece de nome. Estes malandros andam a dizer-lhe mal de mim, ou farei parte da sua leitura semanal?

— Com efeito, *mister* Marques. O APN é uma leitura que não dispenso; não só porque ainda não domino a língua portuguesa, mas sobretudo porque é uma lufada de ar fresco na imprensa a que aqui se tem acesso.

— Folgo muito em sabê-lo, *miss* Llewellyn.

— Já sabia o meu nome? — espantou-se a jovem.

— Sim, o Ash já me tinha falado de si. Tenho até uma proposta a fazer-lhe.

— Lamento interromper a vossa conversa, mas sugiro que a continuem já à mesa, antes que a sopa arrefeça. Mande fazer a sua sopa de tomate, Luiz.

— Oh, mas essa é que é uma boa notícia, Helen. Não se a pode deixar esfriar! Já a provou, menina Llewellyn? Não? É um petisco daqui! — disse, segurando o lobo da orelha direita, logo lhe prometendo explicar o que o gesto significava.

O repasto iniciou entre silêncios de apetites por saciar e elogios à cozinheira e à ementa escolhida. Da sopa passou-se à salada, acompanhada de um vinho branco que Ashley Rome trouxera, por conselho do Tomás do hotel, e, por fim, comeu-se um gelado caseiro, receita da mãe da anfitriã. Já se tomavam os digestivos quando o diplomata

tomou da palavra para apresentar devidamente Emily e enaltecer o par Marques.

— Pois estes dois seres maravilhosos estavam no destino um do outro. Andaram desencontrados, é certo, ambos a viver em Londres, onde Susan nasceu e cresceu, Luiz estudou, e em que veio depois igualmente a trabalhar. Todavia, foi numa viagem de Susan a Portugal que se conheceram. Bem ali ao nosso lado, no Hotel Inglaterra, onde ela estava a passar férias, não é assim *dear* Susan?

— É verdade. A minha mãe tinha ficado em Inglaterra, a acabar de escrever mais um livro, e eu vim passear ao Estoril.

— Marie Belloc Lowndes, a mãe da nossa Susan, era autora de livros policiais. Um deles certamente conhecê-lo-á já, mas adaptado ao cinema, pela mão de Hitchcock: *The Lodge*.

— *You don't say?*, foi escrito pela sua mãe?

— Muito me orgulha dizer que sim.

— Bom, mas retomando a história, em 1938, quando a Susan e o Luiz se cruzaram, já ele era director do Anglo-Portuguese News, para o qual trabalhava desde o ano da sua fundação, que fora uma iniciativa do Major Wackeman.

— E em que data foi criado? — quis saber a galesa.

— Em 1937. O primeiro número do jornal saiu a 20 de Fevereiro desse ano e, tal como hoje, custava um escudo.

— O dobro do Diário de Notícias, que custa 50 centavos!

— Sim, minha gentil menina, mas vale cada tostão! Ao passo que aquele diário, que anda de mãos dadas com o regime, nada de novo traz à humanidade. Muito menos à comunidade inglesa em Portugal, para a qual o APN se tornou uma referência.

— Tem razão, Rome, não há comparação possível. Foi o jornal de *mister* Marques que hoje me valeu, uma vez que eu e o meu London Daily Mail andámos desencontrados: quando o quis comprar pela manhã ainda não tinha chegado; e mais tarde, antes do almoço, já estava esgotado.

— Oh, mas minha cara *miss* Llewellyn, o nosso APN não traz notícias tão frescas como o seu diário britânico! — replicou humildemente o jornalista português.

— Mas traz outras não menos importantes, senhor Luiz Marques, que só num país de fontes múltiplas se podem saber.

— Emily tem toda a razão. A propaganda alemã chama-lhe «o porta-voz de Churchill em Lisboa», mas creio que o Anglo-Portuguese News vai mais além, pois goza da conjuntura única de ser feito num país onde coabitam — se não em aparente harmonia, pelo menos lado a lado — espiões das duas facções beligerantes. Bebe, portanto, das duas nascentes, apanhando no ar o que não se diz.

— Para quem só pensa em festas e em mulheres, o senhor Lira Bacelar está muito bem informado! — interpôs Lewis.

— Podia mentir e dizer que aparências iludem, mas o meu caro amigo não está muito longe da verdade. Interesse-me pela actualidade, claro está, todavia nada faço para a mudar, limitando-me a observá-la ou a comentá-la em serões bem regados e em boa companhia.

— Em suma, um homem podre de rico, que vive de rendimentos, veste bem e do melhor, e que passa o seu tempo em busca do prazer e do romance — avaliou Rosie com um certo desdém.

— Nem mais, *miss* Spencer. Um pária! O verdadeiro estereótipo do *dandy*! — concordou o brasonado lusitano.

— E do «Casanova»! — insistiu a magérrima e pálida inglesa.

— Não iria tão longe, minha cara. Venero o universo feminino, não o nego, agora não tenho o hábito de as seduzir pelo mero gozo de o fazer. Sou homem de uma mulher de cada vez.

— Vezes muitas vezes! — brincou Ash, rindo a bandeiras despregadas.

— Talvez o Bernardo ainda não tenha encontrado a sua alma gémea — contemporizou Susan.

— Acertou no alvo, *my dear lady*. Ou, quem sabe, a tenha encontrado e ela não o saiba...

— Oh, *la la!* O Bernardo anda de asa caída. Quem diria? E, o que mais importa: quem será essa donzela que arrebatou o coração empedernido do maior solteirão de Lisboa? — lançou o conselheiro inglês, logo mudando de assunto. — Bom, mas voltando à questão da imprensa que aqui nos chega: como sabem, tal como a Alemanha, também a Inglaterra patrocina alguns jornais e revistas em Portugal, os quais lhes

são afeitos. Enquanto eles apoiam a Jovem Europa, A Esfera, O Sinal; nós apadrinhamos as revistas Guerra Ilustrada e Mundo Gráfico, e o APN, que desde o início do conflito armado passou a ser subsidiado directamente pelo British Council.

— O que não é de estranhar, caro Ashley, já que o jornal que eu dirijo praticamente se assume como órgão de difusão dos Aliados, dando particularmente a conhecer o esforço de guerra britânico. A transparência dos nossos objectivos e a importância do papel que exercemos na divulgação dos referidos factos determinaram o aumento da tiragem e do número de páginas do APN, tal como a alteração da sua periodicidade que passou de quinzenal a semanal — explicou o director daquele.

— E com artigos quer em português, quer em inglês, o que é de realçar, já que, a regressarem e agravarem-se os bombardeamentos da Alemanha a Londres, o nosso semanário ainda acaba por ser o único jornal de língua inglesa a ser publicado neste momento na Europa! — empolgou-se a senhora Marques.

— A minha mulher vive o Anglo-Portuguese News e a sua acção de forma apaixonada — acudiu o marido, acariciando a mão da companheira, que aparentava ser mais nova do que ele. — É que a Susan traz as letras no sangue, sendo, como é, filha de uma escritora e de um jornalista, Frederick Lowndes, do Times; para além do que vê na elaboração de cada número do nosso jornal, não só o cumprimento da sua natural função informativa, como ainda, e sobretudo, do espírito de missão de que a guerra nos investiu.

— Acho realmente apaixonante a vossa empresa! Heróica e apaixonante! — soltou Emily, de braço pousado na mesa, queixo apoiado na mão, e um certo ar de encanto infantil a brilhar-lhe nos olhos.

— Muito me diz, *miss* Llewellynn.

— Ora, Ashley, não entendo o seu espanto. Afinal, a História e o jornalismo sempre andaram de mãos dadas.

— Como de mãos dadas parecem andar o Presidente português e o embaixador alemão, o barão Oswald von Hoyningen-Huene, a quem vende volfrâmio a rodos e perdoa as actividades ocultas dos seus agentes secretos, enquanto o ditador se queixou ao nosso embaixador,

sir Walford Selby, da atitude da comunidade inglesa em Portugal — comentou a anfitriã Lewis, indignada.

— A que se refere, cara Helen, que desconheço esse episódio?

— Ora, *miss* Llewellyn, soube de fonte segura que Salazar advertiu a embaixada britânica, e cito, sobre «o modo como se comportava a colónia inglesa [...] com aquele ar de quem se encontra num país servil, em que tudo isso pode ser permitido aos súbditos de Sua Majestade.»; tendo ainda o desprante de contrapor que, em relação a nós, «os alemães se portam incomparavelmente melhor!»

— *The nerve!* A ousadia! — acudiu Rosie, deveras irritada.

— E enquanto nos ofende, tudo faz para não hostilizar o seu potencial invasor — ajuntou Art.

— É certo, António de Oliveira Salazar — como muitos outros portugueses, aliás —, ressentia-se da postura reservada da colónia britânica no País, pese embora a sua inegável importância à frente de empresas como a Carris de Ferro de Lisboa, várias companhias de vinho do Porto, ou a Anglo-Portuguese Telephone Company. Para agravar esse seu desgosto com os ingleses, também muito contribuiu o embargo imposto pelo Ministry of Economic Welfare britânico, que, incomodado com a antipatia do ditador português pela causa aliada — quanto mais não fosse, em nome da Velha Aliança, de 1373, entre a Inglaterra e Portugal —, impediu a circulação de transportes marítimos sem a sua aprovação prévia. Isto para não falar da compra a rodos dos produtos nacionais pelos ingleses, que teve como objectivo barrar a sua venda aos alemães, o que, no percurso, inflacionou os preços dos referidos bens. E no entanto, em Maio, o Presidente português propôs ao Reino Unido um plano preventivo militar de defesa nacional, a pôr em prática em caso de as forças do *Führer* ocuparem a Península Ibérica. Tal como se discute ainda um plano comercial luso-britânico com o visconde David MacAdam Eccles, o conselheiro comercial da vossa diplomacia em Portugal — argumentou Bernardo.

— Planos esses a que certamente nunca anuirá! Apenas pretende adiar uma decisão e manter o seu velho aliado em banho-maria. Senão, veja-se a crescente população de militares germânicos que por aqui se pavoneiam e a pouca preocupação que quer estes, quer as hordas de

espiões que actuam em Portugal parecem inspirar ao Ministério dos Negócios Estrangeiros português, apesar das nossas persistentes chamadas de atenção — insistia Lewis, finalizando: — Muito paciente se tem mostrado Eccles, que, apesar de incumbido pelo nosso Ministério de Economia de Guerra de tentar diminuir as trocas comerciais com a Alemanha e os países em que reina a neutralidade, tem sido apolo-gista de uma postura mais compreensiva para com as duas ditaduras ibéricas.

— Com efeito, *miss*, com efeito — comentou Ash, que, parecendo algo distraído, se retirou pouco depois em silêncio para a varanda, onde acendeu um charuto que Lewis lhe estendera. E ali se quedou, por uma meia hora, a olhar o mar.

Já passava da 11 horas da noite quando fez sinal a Emily de que queria falar com ela. A quietude do gesto disse à jovem que a prosa era séria e privada, pelo que foi ao seu encontro sem proferir uma palavra. Rome fez menção de descer ao jardim, por uma escada que servia o terraço e ela acompanhou-o. Para seu pasmo, lá em baixo esperava-os Rosie Spencer, a rapariguinha britânica que tinha por única feição de realce uns grandes e inquisidores olhos azuis. Mas o que poderia aquela ter para lhe dizer em surdina? Que grande entidade escondia afinal Rosie? O instinto disse-lhe que logo o saberia.

— *Miss Llewellynn* — recebeu-a esta com um acenar de cabeça.

— *Miss Spencer* — respondeu Emily, devolvendo-lhe o aceno.

— Vejo que a minha presença aqui a admira. Ainda bem. É sinal de que passo despercebida, o que serve a minha posição.

— Posição? — questionou a galesa, olhando confusa de Rosie para Ash, mas este nada disse.

— Não sou de muita prosa, por isso vamos directos ao que interessa. Fui incumbida de lhe confiar a sua primeira missão.

— Uma missão? E de que se trata? Espero estar à altura dela.

— Há quem ache que sim; eu tenho as minhas dúvidas. Mas se Ralph assim avaliou as suas capacidades, quem sou eu para discordar?

— Ralph? Ralph Jarvis?

— E quem mais poderia ser, *miss* Llewellyn? Quanto menos perguntas fizer, melhor. O silêncio é o maior amigo de um espião.

— Não me esquecerei do seu conselho.

— Pois bem, a par da sua rotina de produzir e publicar um semanário, o casal Marques mantém uma outra forma de colaboração com a embaixada britânica em Lisboa, cujo resultado se traduz numa inestimável fonte de informação militar. Susan está encarregada de fazer o *clipping* — ou seja, o recorte e compilação — de todas as notícias que se nos apresentem úteis nos jornais portugueses; ao senhor Oliveira Marques, cabem as respectivas traduções. Estas são, por fim, entregues ao nosso adido militar, que lhes dá o devido caminho.

— Apesar da Censura, a imprensa portuguesa é-nos útil?

— Apesar da Censura, por mais inverosímil que pareça.

— E onde entro eu neste processo?

— Naturalmente, a pergunta que se impunha. É do nosso conhecimento que Emily adquiriu alguns conhecimentos de português ainda em Inglaterra, depois no decorrer do seu trabalho com o British Council e, posteriormente, no mestrado que agora cursa — introduziu Rosie, pausando para encontrar no olhar da sua interlocutora a resposta que esperava, prosseguindo então: — Também consta que sabe um pouco de alemão.

— Sim, embora não o domine na totalidade. Sei somente o básico, que aprendi numa disciplina secundária da minha licenciatura em História. Entendo parte do que leio e consigo manter uma conversa trivial, nada mais.

— Por enquanto, será o suficiente. Para começar, vai auxiliar *misses* Marques na recolha das notícias portuguesas, dando igualmente uma olhadela nas dos jornais alemães que cá se vendem. A sua tarefa é apenas a de um primeira avaliação, temos quem lhe dê continuidade. Entretanto, para aprofundar o seu alemão e estabelecer novos contactos, deverá começar a frequentar os bailes do Hotel do Parque e de outros locais de convívio da comunidade germânica que aqui se estabeleceu.

— Deduzo que o devo fazer sozinha — afirmou a jovem, em tom de pergunta.

— Numa ou noutra situação, terá alguém por escolta, que, no entanto, não passará de um mero figurante. De resto, o palco é seu. Alguma outra questão?

— A quem devo reportar o que descubro, já que imagino que o que se pretende com o meu convívio com o inimigo é daí ir retirando informações; aos mesmos nomes que *mister* Jarvis destapou?

— Reportará oralmente todos os factos que julgar significativos — sempre por via oral! — A mim, ou ao senhor Rome, e nós trataremos de os submeter ao crivo do «W», o qual, por sua vez, os levará até ao nome que já conhece.

— «W»? Quem é «W»? — indagou a fidalga britânica, de olhos arregalados.

— *The Weasel*. A Toupeira. É tudo o que precisa de saber. Ah, e Llewellyn!

— Sim?

— *Don't fall in love!* Durma com quem bem lhe aprouver, mas não se apaixone. A partir do momento que aceita a senda da espionagem, passa a pertencer à Grã-Bretanha, e deixa de ser senhora da sua própria vida. *Is that clear?*

— Claro como a água!

— Muito bem, é tudo — concluiu a enigmática espia.

— Só mais uma pergunta, que muito, muito me intriga.

— *Yes?*

— *Who are you?* — inquiriu Emily, de mãos estendidas na direcção daquela.

— Quem sou eu? — riu-se a outra. — Rosie Spencer — e, dito isto, virou-lhe as costas, despedindo-se do diplomata sem olhar para trás, com um «*Good night, Ash!*».

Uma vez sozinhos, Emily calou-se por largos minutos; tampouco Ashley soltou um pio que fosse. Finalmente, quando a lua já se cansava nos céus de índigo, foi ela quem quebrou a mudez daquele momento:

— Rosie, Rosie, quem é esta mulher, que ou usa uma máscara ou é uma pedra de gelo? Já sei, não me vai responder; nem estou à espera de que o faça.

— Está nervosa, eu entendo. Desabafe! Deite tudo cá para fora! Chame-me nomes, se quiser. Tivera eu um confidente a quem derramar a minha alma aquando da minha primeira missão!

— Não quero chamar-lhe nomes, homem de Deus! Quero entender quem é essa rapariga de duas caras!

— Gente de duas caras é o que mais vai encontrar neste seu novo trilho. Também a menina tem duas caras, *my dearest!* A duplicidade é a nossa essência.

— Obviamente, no seio de desconhecidos e no âmbito da nossa acção. Mas entre parceiros? Que ser é este que num momento é a pessoa mais doce do mundo e no outro parece o Adamastor dos Lusíadas?

— Também já leu os Lusíadas? — sorriu o inglês, visivelmente maravilhado.

— Já. Há uma tradução muito boa na biblioteca do British Council; ia-a comparando com o original, à medida que avançava no português. O que não vem lá, em língua alguma, é a esquizofrenia de *miss Spencer!*

— Porque acha a Una que ela muda de registo? O que lhe diz o seu sexto sentido?

— O meu sexto sentido, ora essa?

— Sim, vocês mulheres não se gabam de o ter? O que lhe diz ele?

— Que ela tem mais dobras no seu estado de espírito que a Nessie no seu corpo serpentino.

— A Nessie? O monstro de Lochness? *Miss Llewellyn*, a menina é um achado! — riu-se o diplomata a bem rir.

— Uma vertigem, aquela Rosie! Primeiro derrete-se toda ao pé do Bernardo; mas mais tarde quase o ofende; e depois só faltou bater-me!

— Ah! Afinal o seu sexto sentido funciona. Qual foi o agente da mudança?...

— Bernardo?

— Bernardo, *the one and only!*

— O único? Para Rosie? Ah! Claro! Como não o percebi antes? Claro! Como ele não lhe passou cartão, ficou ressabiada. Faz sentido. O que não faz sentido é o facto de ela se ter desferrado em mim.

— Oh minha querida amiga, só a menina é que não percebeu por quem é que o Viana anda de quatro?

— Por mim? Não! Nada mais há entre nós do que amizade.

— Não, mas ele tem pena.

— Será, o Bernardo? Mas se ele nunca fez um avanço, nunca mo deu a entender!

— E alguma vez viu o nosso amigo a ter acanhamento de cortejar uma mulher?

— Que me lembre, não.

— Então porque não o faz consigo, Emily?

— Porque é só meu amigo. Porque... porque gosta de mim?

— Aleluia! Fez-se luz!

— Nunca me apercebi dessa possibilidade. Mas Rosie, pelos vistos, sim.

— Rosie, eu, o hotel inteiro, Churchill, *you name it!* Diz um nome e ele o saberá!

— Preciso de uma bebida! Hoje parece que tudo me aconteceu.

— Exactamente, por isso basta, vamos embora.

— E Bernardo? E os Marques?

— Os Marques já se foram embora; já Bernardo, há-de ficar por aqui até ao sol raiar. Ande, eu levo-a ao hotel. Convém dormir, que amanhã começa o seu novo desafio.

— Estou pronta para o que a minha pátria esperar de mim. Amanhã, de velas desfraldadas, dobro o meu Cabo das Tormentas!

IRÁ A GUERRA SEPARAR O QUE O AMOR UNIU?

Em plena Segunda Guerra Mundial, as elites europeias refugiam-se no Estoril, num ambiente de glamour e elegância. A paz garantida pelo regime de Salazar, no entanto, não atrai apenas a alta sociedade. No meio de todas as festas e bailes, as forças de espionagem de ambos os lados do conflito vão-se movimentando. É neste ambiente que Bernardo, um *bon vivant* despreocupado, e Emily, uma espia aliada, se apaixonam.

Sentindo a pressão da guerra, Bernardo e Emily lutam para proteger o seu amor do jogo da espionagem. Emily, no entanto, recebe ordens de um misterioso espião, conhecido como The Weasel, para empreender uma missão onde arrisca não só a sua segurança como também informação vital para os Aliados.

Quando a missão a obriga a deixar o Estoril e a romper a relação com Bernardo, acaba por se envolver com Dieter, um jovem alemão que lhe garante não ter qualquer ligação à causa de Hitler. A verdade não seria assim tão simples.

Esta é a história do pecado de Emily,
que irá pôr em causa a sua vida e inúmeras outras,
numa guerra travada ao longe.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-89-3



9 789898 800893

Literatura Portuguesa